

O Congresso de Filosofia em Viena

Vilém Flusser

A extraordinária constelação política sob a qual se reunia o congresso, e a presença de milhares de refugiados checos em Viena, pode ter formado o fundo natural das discussões para todos aqueles que não estão inteiramente mergulhados no clima da filosofia. Com efeito, as organizações estudantis distribuíam folhetos entre os delegados, protestando contra a alienação dos participantes do congresso, e afirmando que estes se encontram em torres de marfim e traem os lutadores checos, ao se dedicarem a problemas "abstratos". Para o observador brasileiro era curioso observar como a mesma terminologia estudantil servia, em Viena, a propositos aparentemente opostos aos do movimento estudantil brasileiro. Tal atitude é perfeitamente aceitável, e até louvável, se considerarmos que o congresso se dava em Viena, portanto em cultura alemã, cultura essa que se caracteriza pela tradicional alienação política da sua elite. A juventude protestava contra uma renovada traição por parte dos seus mestres, e isto dá esperança.

Mas o propósito do presente artigo é exatamente oposto, a saber: mostrar que havia no congresso uma ruptura interna que nada tinha a ver com a divisão política oeste-leste. E a tese desse artigo é que essa ruptura é de tal dramaticidade o tem tal potencial que absorve todo interesse e relega tudo para o segundo plano. O congresso não se dedicava muito aos acontecimentos políticos em sua proximidade geográfica, não por alienação, mas pelo fato de que uma concentração sobre esses acontecimentos teria sido, ela sim, alienação do ponto de vista dos problemas discutidos. Dêsse ponto de vista, o qual foi desfraldado diante de nós em Viena, os acontecimentos políticos se apresentavam como algo não inteiramente real, como algo anacrônico e fantástico, e que continua interessando apenas porque ainda não deixou de influenciar destinos humanos.

Pretendo relatar esse ponto de vista, tal como se oferece sob primeiro impacto, portanto emocionalmente e impressionisticamente. A reflexão mais madura corrigirá, por certo, muitos detalhes, mas não creio que alterará a visão geral que oferecerei aos leitores. Para poder esboçar essa visão, darei-lhe o nome de "metacrise". Desnecessário dizer que é banal falar-se em crise da ciência, dos valores, do significado. Mas que o conceito mesmo da crise está perdendo significado, que a crise mesma está em crise, isto acaba de aprender nestes dias. Resumirei a situação assim: de um lado da ruptura abismal da qual falei estão aqueles que pretendem continuar vivendo a despeito de todas as crises e com despeito a todas as crises. Estão, neste sentido, no além das crises. No outro lado do abismo estão aqueles que negam a existência de crises, porque negam a existência de processos, e apenas processos podem entrar em crise. E, neste sentido, também eles estão no além das crises. Para ilustrar o afirmado, darei o exemplo das ciências da natureza, pois participei mais das seções de filosofia da ciência e língua.

A chamada crise da ciência não é, obviamente, uma crise dessa disciplina, mas dos que dela participam, (cientistas e filósofos), e dos que sofrem os seus efeitos, (humanidade). Ela tem aspectos teóricos e práticos, (embora seja difícil distinguir entre ambos). Do lado teórico estamos em crise com a ciência, porque podemos ter fé apenas nela, mas não temos a sua permissão de ter fé nela. Em outras palavras: a ciência é nossa única autoridade, mas recusa-se a assumir-se como autoridade. O congresso mostrou como a ciência esvaziou todas as demais autoridades, inclusive, (e isto é terrível), a autoridade da lógica formal, esse derradeiro refúgio de um apriorismo. Mas simultaneamente o congresso mostrou como a ciência é impotente, (e indisposta), para preencher o espaço por ela esvaziado. Do lado prático estamos em crise com a ciência, porque a relação entre os produtos da ciência e nós como seus consumidores está a inverter-se: não mais eles nos servem, mas a tendência é que somos nós que a eles servimos. Repito: é banal dizer tudo isto. Todos o sabemos, e esperamos que os filósofos nos digam algo que nos ajude a sair do impasse, (que é terrível, por banal que seja).

Pois que dizem os filósofos a este respeito? Em Viena assumiram a palavra. Uns dizem: é assim, é banalmente assim, e nada pode ser feito. Não adianta chorar, chorar é primitivo, ingenuo, e carece de sentido. A resposta mais clara neste sentido foi dada, creio, pelo canadense Bunge, cuja contribuição foi, para mim, das mais reveladoras. A sua foi uma proposta para o restabelecimento de uma "metafísica", que será uma disciplina rigorosa que parte da ciência atual para descobrir-lhe o conteúdo "ontico", e se renova sempre, na medida na qual a ciência se renova. Portanto será uma "metafísica-

ca" exatamente contrária da metafísica, pois a metafísica pretende fundamentar a ciência, mas esta "metafísica" é por ela fundamentada.

A proposta de Bunge propõe, portanto, o estabelecimento de algo que se fundamenta em algo que recusa que algo se fundamente nele. Estamos pois, deste lado do abismo, em pleno terreno do absurdo.

Os outros dizem: não é assim, não há crise, não tem sentido falar-se em crise, e sentenças que contêm o termo "crise" são sentenças erradas. A ciência não pode estar em crise, porque a ciência não é processo. Ela é um entre jogos, (no sentido wittgensteiniano do termo "jogo"), e o seu caráter processual é apenas uma consequência de uma das suas regras. Quem fala em "crise da ciência", comete o seguinte erro: fala sobre a ciência com regras de dentro da ciência e confunde metalingua com lingua-objeto. Em outras palavras: toma a sério algo que é jogo, e que pode ser tomado a sério apenas no ato do jogo, e não na reflexão sobre o jogo. Isto se tornou claro na contribuição do inglês-austriaco Popper, mas pelo menos igualmente claro "do outro lado político", na contribuição do polonês Schaff, uma contribuição excelente e ainda mais radical que a popperiana, (se isto for possível). Em suma: não se preocupem com crises, não tomem a sério jogos, embora existam apenas jogos. Também deste lado do abismo estamos em pleno absurdo.

O absurdo dos dois lados do abismo, mas um abismo no meio, a despeito de tudo. Porque há um abismo entre "cale a boca e continue vivendo!" e "venha, brinque comigo!". Há abismo, mas não há tensão dialética que possa superá-lo. Porque se o congresso demonstrou algo nitidamente, foi isto: o método dialético, (aplicado por muitos, e não apenas pelos marxistas, mas nem por todos os marxistas), é um método que explica tudo fabulosamente bem e funciona fabulosamente bem em muitos casos. O mesmo se dá, infelizmente, com inúmeros métodos diferentes. E ninguém se interessa por explicações fabulosamente boas nem por funcionamento fabuloso, porque fábulas caíram em desgraça. Quem o mostrou claramente foram as contribuições dos checos e iugoslavos. Esses "metamarxistas" mostraram que abandonamos, com o conceito da crise, o conceito da dialética, (sem, infelizmente, termos superado esse conceito no sentido dialético desse termo). Também neste caso nada substituiu a dialética, um nada que pode ser chamado pelo prefixo "meta", se quiserem.

Obviamente, é muito fácil tirar o corpo disso tudo. Por exemplo é possível afirmar-se a morte da filosofia, morte essa solenemente festejada em Viena. A famigerada palavra de Marx sobre a explicação e alteração do mundo estava como que inscrita no braço do congresso suicida. Mas com o certificado de óbito da filosofia não teríamos conseguido uma vitória muito gloriosa. Porque deveríamos confessar que a filosofia não foi substituída por nada, e com essa confissão estaremos filosofando. E, além disto, o seguinte deve ser dito:

As contribuições dos filósofos em Viena demonstraram a impotência da filosofia perante a ciência, uma impotência explicável, já que os filósofos recebem suas informações de segunda mão, da mão dos cientistas. Este fato pode corroborar a morte da filosofia. Mas do congresso participaram também cientistas. E suas contribuições denotaram uma impotência e uma dependência abjeta da ciência da filosofia. Em certos casos parecia, (por exemplo no caso de um renomado astrofísico soviético), que a ciência procura sua salvação na filosofia, porque perdeu, pelas razões expostas, fé em si mesma. E' pois sumamente incômodo falar-se, nesta situação, em morte da filosofia.

Se consegui captar o clima do congresso pelo menos parcialmente, devo ter explicado porque os acontecimentos políticos se davam como espectros irrealis no horizonte. Porque o centro da discussão não girava em torno da escolha entre sistemas, (sejam eles políticos, éticos, epistemológicos ou "metafísicos"), mas em torno do problema de termos que escolher entre sistemas sem valor, portanto equivalentes. Retifico: o problema era se tem sentido comparar sistemas. Comparação entre sistemas, tradução, jogo como metajogo, eis o problema. A política como luta entre sistemas se dava, sob este prisma, como um colossal anacronismo, tanto para os ocidentais, (americanos etc.), como para os "orientais", inclusive para os russos.

Procurei, neste artigo, demonstrar minha tese no caso da ciência e da epistemologia. Teria alcançado idêntico resultado, se tivesse tomado disciplinas valorativas como exemplo. O congresso de Viena demonstrou como se comporta uma elite, (e creio que em Viena estava reunida uma elite da humanidade), quando espera não por catástrofe, mas por nada.